



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 2 | ABR-JUN 2020

CLARICE E CAIO NO DIVÃ: PARA UMA COMPREENSÃO DO SENTIDO DA LETRA 'M' EM A HORA DA ESTRELA E LIMITE BRANCO



CLARICE AND CAIO LYING ON THE DIVAN: UNDERSTANDING THE MEANING OF THE INITIAL 'M' IN THE NOVELS "A HORA DA ESTRELA" AND "LIMITE BRANCO"

JOSÉ RAYMUNDO FIGUEIREDO LINS JÚNIOR
UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 23/11/2019 ● APROVADO EM 18/02/2020

Abstract

This article proposes a literary critique of two Brazilian novels, under the bias of psychoanalysis, in order to understand the meaning of death, represented by the initial letter of the names of the protagonists of these works: Macabéa (LISPECTOR, [1977] 2017), a dull woman (LINS JR.; LIMA, 2017), whose life is mostly meaningless due to memories of her repressed childhood and adolescence and the absence of the maternal figure, and Maurício (ABREU, [1970] 2014), an introspective, fragile young man, whose self does not identify with the prototypes of a male identity. Chauí (1987), Ussel (1980), Kiekerkaard (2013) and Freud (2014) support our literary criticism, in a postmodern perspective (SOUSA SANTOS, 2002), which allows us to better understand the phenomenon studied and to consider the author-text-reader relationship. In the end, we realize that different authors, at different times – including history and life experiences – can represent characters who talk about everyday problems and how these problems, discursively expressed, constitute us as subjects.

Resumo

Este artigo propõe uma crítica literária de dois romances brasileiros, sob o viés da psicanálise, a fim de entender o sentido de morte, representado pela letra inicial dos nomes dos protagonistas dessas obras: *Macabéa* (LISPECTOR, [1977]2017), uma mulher insossa (LINS JR.; LIMA, 2017), que não se projeta na/em vida devido às memórias de infância e adolescência marcadas por repressões e pela ausência da figura materna, e *Maurício* (ABREU, [1970]2014), um jovem introspectivo, frágil e que não se identifica com os protótipos de uma identidade masculina. Como fundamentação teórica, optamos pelas discussões orientadas por Chauí (1987), Ussel (1980), Kiekerkaard (2013) e Freud (2014), seguindo uma metodologia da crítica literária, numa perspectiva pós-moderna (SOUSA SANTOS, 2002), que nos permite utilizar outras áreas das ciências para melhor compreender o fenômeno estudado e que considere a relação autor-texto-leitor. Ao final, percebemos que autores distintos, em momentos distintos – inclusive da história e de experiências de vida – podem representar personagens que falem dos problemas cotidianos e como esses problemas, enquanto discursos, nos constituem como sujeitos.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Identities. Novel of formation. Literary criticism.

PALAVRAS-CHAVE: Metapoesia. Dialogismo. Literatura.

Texto integral

“Nenhum analista vai mais longe do
que seus próprios complexos e
resistências internas lhe permitam.”
(Freud, [1909]1910)

INTRODUÇÃO

Na literatura, através da arte de criar e recriar textos, o autor estabelece com o leitor uma ponte em que as subjetividades transitam em movimento contínuo e recíproco. Essa atividade provocada pela estética literária, se diferencia dos textos acadêmicos justamente por suscitarem dúvidas e questionamentos constantes e controversos sobre as questões mais cotidianas; é como olhar-se através do espelho e, subitamente, não reconhecer seus traços e expressões mais familiares – mesmo sentimento de um indivíduo que se sujeita às terapias psicanalíticas. No divã do terapeuta, o paciente se propõe a conhecer um outro “eu”, que embora familiar se apresenta de maneira inesperada e surpreendente. Assim, a psicanálise propõe um caminho para o desconhecido e para as rupturas como possibilidades de criar condições para a superação dos sintomas.

A principal relação entre a literatura e a psicanálise é o fato de ambas trabalharem com a linguagem, pois tanto a estética literária quanto a manifestação do consciente e do inconsciente perpassam pela língua, seja através do dito ou do não dito, uma vez que as escolhas lexicais implicam em manifestações e omissões ou supressões. O importante nesta relação é superar o pensamento estruturalista oriundo da clínica psicanalítica, que limita ao texto/discurso todo o sentido simbólico, ignorando as experiências de vida do autor na obra produzida.

TRAZENDO AUTORES PARA O DIVÃ: A RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE NUMA PERSPECTIVA PÓS-MODERNA

Ao longo dos relatos registrados por Freud, é possível identificar os mecanismos psíquicos com a linguagem. Por exemplo, em *A negativa* (FREUD, [1925]2003), o autor se refere ao juízo de atribuição como uma escolha por introjetar o que é bom e descartar o que é mau e ao juízo da existência como uma representação que pode ser encontrada não no discurso manifesto, mas também na realidade (sobretudo através da percepção) – ou seja, não encontra-se no dado percebido, a coisa, que deve ou não ser escolhido, mas a algo que está presente nos limites existenciais do indivíduo, como, por exemplo, o medo de cavalos do pequeno Hans (FREUD, 1999).

No romance **Limite Branco**, de Caio Fernando Abreu (2014), o personagem Maurício se apresenta como um adolescente intimista, de uma aparência fraca, débil e quase doente, que enfrenta as aflições de um indivíduo abjeto se comparado aos demais de sua espécie masculina. São as memórias que, de certa forma o aprisionam. Trata-se de um romance de formação marcado por uma angústia tão palpável que chega a doer na naqueles que o leem. Da mesma forma, Clarice Lispector (2017), diga-se de passagem, uma das inspiradoras da escrita de Abreu, nos apresenta em **A Hora da Estrela**, Macabéa, uma mulher insossa (LINS JR.; LIMA, 2017), devido às memórias de uma repressão sexual sofrida durante a adolescência. Essas memórias a tornam uma personagem sem vida, sem ambições e quase sem desejos.

Neste trabalho, partimos de duas hipóteses. A primeira, em nível textual, defende que independente do gênero, as repressões vividas na infância – e geralmente representadas por discursos dos membros da família – são responsáveis pelo desenvolvimento dos personagens e pelo seu sentimento de pertencimento (ou não) no mundo. A segunda, em nível de produção e recepção da obra literária, se fundamenta nas experiências de vida dos autores e como a leitura dessas obras se realiza nos leitores. Esta segunda hipótese é o que nos garante uma ruptura com o modelo estruturalista da psicanálise clínica e a torna acessível e útil à crítica literária, pois, de acordo com Villari (2000, p. 4),

a resistência do texto literário à abordagem anterior propiciou o retorno a outra via de relações entre a Literatura e a Psicanálise,

aquela que posiciona o sujeito, enquanto leitor, para o conhecimento, colocando-o no lugar do não sabido, da falta perante o texto. Com isso, propomos que aquilo que pode ser questionado não é o texto literário a partir da Psicanálise, mas seu inverso, a Psicanálise a partir da Literatura. Esse posicionamento acarreta um questionamento do saber da Psicanálise, buscando, através do texto literário aquilo que não alcançamos dizer enquanto psicanalistas.

A busca por esse saber psicanalítico através da literatura nos levou a questionar duas estruturas clínicas desenvolvidas nas anotações freudianas ([1905]1996): a psicose e a neurose. Enquanto o psicótico nega a realidade e busca novos mecanismos de transgressão, o neurótico vive recalçado, exercitando o inconsciente com as fantasias nunca realizadas. Há, ainda, uma terceira estrutura, a qual não trataremos neste estudo, pois configura-se como um conjunto de comportamentos psicosssexuais que o sujeito utiliza para satisfazer-se e ter prazer de forma contínua: a perversão. Esses comportamentos, ao mesmo tempo em que compreendem a realidade, a substitui pelo seu próprio desejo – o que não percebemos em nenhum dos personagens ao longo do desenvolvimento dos romances analisados.

Entre as várias tipologias de romance, entendemos que o romance de formação (*bildungsroman*) está associado a uma jornada na qual o personagem principal cresce, aprende, educa-se e se desenvolve, buscando por sua integração no meio social. É necessário que os protagonistas tenham alguma razão para iniciar suas jornadas, por exemplo, uma perda ou descontentamento pode impulsioná-los a deixarem seus lares, por exemplo. Nesse trajeto de vida, o processo de amadurecimento é longo, difícil e gradual: há conflitos entre as necessidades (desejos) do herói e as visões (julgamentos) impostas por uma ordem social inflexível.

As duas obras analisadas, **Limite branco** (ABREU, 2014) e **A hora da estrela** (LISPECTOR, 1988), mostram personagens que percorrem jornadas distintas, e embora o romance de formação tenha suas origens nos relatos masculinos (ROHDE, 2005, p. 66), Cavalcante (2019) comprova que através de escritoras como Alice Walker, Margaret Atwood e Paulina Chiziane, por exemplo, é possível perceber o mesmo processo em personagens femininas. Não nos limitaremos às discussões que envolvem essas questões de teoria literária, considerando, tão somente, que romances de formação, enquanto estrutura literária independe do gênero de seus protagonistas. Assim, o que fundamenta este estudo, tanto na elaboração da segunda hipótese apresentada quanto na compreensão da tipologia do gênero literário em análise, é uma perspectiva pós-moderna, na qual todo conhecimento científico-natural também é científico-social, e todo conhecimento local é total, o que resulta numa ruptura com os paradigmas cartesianos que dominaram a ciência nos últimos séculos, ou seja,

a ciência pós-moderna, ao sensocomunizar-se, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, mas entende que, tal como o conhecimento se deve traduzir em autoconhecimento, o desenvolvimento tecnológico deve traduzir-se em sabedoria de

vida. É esta que assinala os marcos da prudência à nossa aventura científica. A prudência é a insegurança assumida e controlada. Tal como Descartes, no limiar da ciência moderna, exerceu a dúvida em vez de a sofrer, nós, no limiar da ciência pós-moderna, devemos exercer a insegurança em vez de a sofrer (SANTOS, 1988, p. 70-71).

Em se tratando dos personagens analisados, em **Limite branco**, Maurício é um jovem que entra em conflito com um modelo de identidade masculina que lhe fora cobrado, enquanto Macabéa, em **A hora da estrela**, é uma mulher que passa a vida sem se dar conta de sua identidade de mulher. Dessa forma, lançamos como pergunta de partida, como se dá, nesses romances de formação, a partir das experiências pregressas dos personagens e de seus criadores, os processos de descoberta identitária e como essa identidade se manifesta no mundo? Para tanto, propomos um percurso (psic)analítico que identifica três fases na construção da discussão entre obras e autores, a partir dos conceitos previamente apresentados. Para melhor orientar a discussão, optamos por sublinhar partes dos fragmentos de cada obra para nos referir ao dito e trazer os contextos nos quais as obras são criadas, ou seja, as experiências dos seus autores, para nos referir àquilo que é não dito.

FASE 1: REPRESSÃO NA INFÂNCIA

Embora sejam poucos os estudos que estabelecem um contraponto entre Literatura e Religião – e quando o fazem, concretizam quase sempre uma hermenêutica teológica (SALLES; AMARAL, 2010, p. 53) –, o termo epifania é recorrente na crítica literária. Na obra de Clarice Lispector, então, se torna quase um conceito-chave. Um estudo de Olga de Sá ([1979]2000) aponta os pioneiros a se referirem ao conceito de epifania nos textos lispectorianos, sem, entretanto, utilizar o próprio termo: Sérgio Milliet, em 1946, Álvaro Lins, em 1963, e Benedito Nunes, em 1973. Para a autora, o conceito se manifesta nos dois primeiros estudos através de relação da obra com as ideias de êxtase e desmaio ou sonho, respectivamente, mas é em Nunes que o termo descortínio religioso vai se referir, especificamente, à religiosidade que traduz o termo epifania.

De religião judaica, não há dados (auto)biográficos que permitam atestar precisamente crenças religiosas de Clarice Lispector. Sobre isso, Borelli (1981, p. 36), amiga pessoal da escritora, diz que a melhor forma de se chegar à relação de Clarice com sua espiritualidade é através de sua obra, que traz elementos da tradição judaico-cristã:

[...] a tia que não se casara por nojo – é que também considerava de dever seu evitar que a menina viesse um dia a ser uma dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem. Embora a menina não tivesse dado mostras de no futuro a ser vagabunda de rua. Pois até mesmo o fato de vir a

ser uma mulher não parecia pertencer à sua vocação. [...] As pancadas ela esquecia, pois esperando-se um pouco a dor termina por passar (LISPECTOR, 1988, p. 28).

A relação de Clarice com a religião também pode ser percebida em uma obra anterior, **A paixão segundo G. H.** (LISPECTOR, [1964]1988, p. 102), quando afirma que “Deus não é bonito. E isto porque Ele não é nem um resultado nem uma conclusão”. Nesse sentido, parece haver um sentimento negativo em relação às instituições religiosas (igrejas/templos) ao mesmo tempo em que essas se tornam controladoras dos comportamentos humanos. Afinal, a grande preocupação da tia de Macabéa é que ela não se tornasse uma mulher da vida, o que parecia funcionar através do castigo físico, que se tornara tão constante que acabara por cair no esquecimento. E o fato de ter a figura materna preenchida por outras figuras (a tia, o rádio e a cartomante), que foram passageiras na sua vida, aliado à repressão e violência a impediam de se perceber mulher.

A referência à religiosidade em Caio é diferente da de Clarice. Nele, o processo de consciência (ainda que difuso e impreciso) é mais centrado no protagonista no que nos que o envolvem: “é preciso ir limitando meu sonho, apagando as linhas supérfluas, corrigindo as arestas, até restar somente o centro, o âmago, a essência. Mas qual será o centro meu Deus, que não encontro?” (ABREU, 2014, p. 91). E, talvez, Maurício não consiga se encontrar porque a figura paterna, com a qual parecia não se identificar, o intimidava, quando, por exemplo,

com a ponta da faca, Maurício riscou a toalha. Sem querer, bateu no copo de vinho: a mancha roxa espalhou-se devagar, como se não quisesse manchar o branco do tecido. Ouviu o gritinho da tia, ao mesmo tempo que sentia o olhar fulminante do pai e desviava-se da mãe, que secava a mancha com um pano (ABREU, 2014, p. 186).

Maurício encontra em seu primo, o suporte que precisava para se tornar aquilo que ainda não entendia, ou seja, construir uma masculinidade diferente da que seus familiares lhe impunham:

- Não é não. Ainda não. Por enquanto, pelo menos, tu és o único que tem possibilidades.
- O que é possibilidades?
- É... é assim uma coisa que pode ou que não pode ser. Mas é quase certo que pode.
- E o que é que eu posso fazer para não ser como os outros?
- Não querer ser – disse Eduardo – Não querer nunca ser. Não deixar que pensem por ti. Que te ponham rédeas como se fosses um cavalo (ABREU, 2014, p. 43).

Foucault (1977) afirma que o poder não é inerte, mas circula em todo o plano social, ou seja, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. Segundo ele, a finalidade das práticas de adiestramento era disciplina e reclusão, tendo em vista a docilidade dos corpos – e isso acontecia/acontece através das instituições sociais, como a Igreja e a família, por exemplo, inclusive por serem as primeiras formas de socialização do indivíduo. Nesse sentido, os conflitos dos personagens se aproximam de um comportamento neurótico (talvez mais em Maurício do que em Macabéa, pela questão de alguma consciência de si), o que as faz sofrer, de formas diferentes.

Biografias e sites de consulta mostram que tanto Clarice quanto Caio passaram por situações representadas em/através de suas obras. Clarice enfrentou situações difíceis durante a infância; com pouco mais de um ano de idade, a família chegou no Brasil refugiada por questões religiosas resultantes da Guerra Civil Russa, em menos de três anos mudou-se de Maceió para Recife, por motivos de problemas financeiros e dificuldades culturais. A figura paterna, sionista praticante, desafiava os riscos durante o Estado Novo, quando as relações entre Brasil e Alemanha intensificaram o antissemitismo no país. Caio, por sua vez, perseguido durante os primeiros anos da ditadura militar por declarar-se homoafetivo, foi refugiado na casa de amigos e pediu exílio na Europa por um ano, voltando a morar com os pais e se dedicando à jardinagem. E, certamente, para cada leitor uma nova forma de identificação e ressignificação é criada; por isso é a relação autor-obra-leitor que deve se fazer presente no nosso divã. A seguir, prosseguimos com a nossa “terapia ficcional” desses romances de formação, através da jornada dos personagens e de seus criadores.

FASE 2: ANGÚSTIA E (AUTO)DESCOBERTA OU DESCOBERTA DA ANGÚSTIA?

Com o crescimento, a partir da adolescência até a fase adulta, os personagens vão convivendo com culpas e remorsos, desejos (e luxúria) e resistências (e castrações). Macabéa, por exemplo,

quando dormia quase que sonhava que a tia lhe batia na cabeça. Ou sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada. Quando acordava se sentia culpada sem saber por quê, talvez porque o que é bom devia ser proibido. Culpada e contente. Por via das dúvidas se sentia de propósito culpada e rezava mecanicamente três ave-marias, amém, amém, amém. Rezava, mas sem Deus, ela não sabia quem era Ele e, portanto, Ele não existia (LISPECTOR, 1998, p. 34).

Por outro lado, Maurício

queria tanto conhecer alguém. Talvez o tempo traga uma pessoa, uma pessoa especial. Talvez eu resolva isso aos poucos, sem sentir, depois de resolver a mim mesmo. Talvez eu esteja demasiado perto da adolescência ainda – dentro dela, até - e seja

difícil, por enquanto, me libertar de todas as idiotices que ouvi (ABREU, 2014, p. 134).

Em ambos os fragmentos, os sentimentos expressos pelos protagonistas refletem traumas que precisam ser tratados pelos mesmos. Para a psicanálise, a noção de trauma se refere a experiências vividas na infância e que são esquecidas por um certo tempo, mas retornam em sua forma (como as “idiotices”, nas palavras de Maurício) ou através de outros sintomas (os sonhos de Macabéa). Segundo Freud ([1939]2014, p. 110), “a gênese da neurose remonta sempre e por toda parte a impressões infantis bastante precoces” e manifesta-se sintomaticamente em Macabéa, como culpa e em Maurício como aprisionamento.

O fato é que ambos os personagens sentem desejo sexual, mas o reprimem. Se voltarmos, por exemplo, aos séculos XV e XVI podemos constatar que não existia um controle total da sexualidade: carícias, beijos e masturbação infantil, realizada pelos pais e pelas amas tinham o intuito de acalmar as crianças (USSEL, 1980). Para Loyola (1999, p. 33), o sec. XIX tornou-se o palco ideal para a repressão sexual, com o puritanismo hipócrita vitoriano, momento em que “a sexualidade é identificada com genitalidade e heterossexualidade”. Neste momento, em que ideais burgueses se mesclam com o desenvolvimento intelectual e tecnológico (ciências e educação) e com a religião, o corpo se torna objeto de controle e proibições, que geram as neuroses e psicoses (e perversões) registradas por Freud.

Ao lembrarem daquilo que os incomodou na infância, a culpa e o aprisionamento aparecem nos personagens como reações defensivas, e, ao tentar fugir dessas lembranças criam-se inibições e fobias que não obedecem ao pensamento lógico e nem respondem à realidade externa (FREUD [1939]2014, p. 119). Numa segunda teorização sobre a angústia (que está sempre em nível consciente), Freud ([1926]1976, p. 131), retoma o estudo do jovem Hans (FREUD, 1999) e percebe que ela é anterior ao recalque, e não posterior como ele acreditava.

A ansiedade pertencente às fobias a animais era um medo não transformado de castração. Era, portanto, um medo realístico, o medo de um perigo que era realmente iminente ou que era julgado real. Foi a ansiedade que produziu a repressão e não, como eu anteriormente acreditava, a repressão que produziu a ansiedade... É sempre a atitude de ansiedade do ego que é a coisa primária e que põe em movimento a repressão.

Nesta nova percepção, a angústia ultrapassa o nível do desprazer e implica em sensações físicas, o que aparece nos personagens através de suas descrições físicas frágeis e sem grandes atributos ou agenciamentos.

Também os autores trazem traços característicos da angústia. Em *A descoberta do mundo* (LISPECTOR, 1999), Clarice elabora uma coletânea de 468 crônicas que escreveu, entre 1967 e 1973, para o Jornal do Brasil, e que versavam sobre temas diversos. Encontramos 41 ocorrências da palavra angústia e seus

derivados nesses textos. Em 1972, por exemplo, a primeira crônica data de 8 de janeiro e mostra uma mulher que ao ser questionada sobre o que angústia, responde que o simples fato de indagar e procurar sentido para as coisas já é uma angústia. Complementa, ainda, dizendo que a angústia começa com o próprio ato de viver, ao nos cortarem o cordão umbilical, significando dor e separação, e assim, chora-se para viver. No final do mesmo ano, a autora retoma a discussão:

O que é angústia

Um rapaz fez-me essa pergunta difícil de ser respondida. Pois depende do angustiado. Para alguns incautos, inclusive, é palavra de que se orgulham de pronunciar como se com ela subissem de categoria – o que também é uma forma de angústia.

Angústia pode ser não ter esperança na esperança. Ou conformar-se sem se resignar.

Ou não se confessar nem a si próprio. Ou não ser o que realmente se é, e nunca se é. Angústia pode ser o desamparo de estar vivo. Pode ser também não ter coragem de ter angústia – e a fuga é outra angústia. Mas angústia faz parte: o que é vivo, por ser vivo, se contrai.

Esse mesmo rapaz perguntou-me: você não acha que há um vazio sinistro em tudo? Há sim.

Enquanto se espera que o coração entenda (LISPECTOR, 25 de novembro de 1972).

Também em sua coletânea de *Cartas*, as palavras de Caio Fernando Abreu (2002, p. 460) para a sua mãe são:

fico sempre em casa lendo, escrevendo ou mesmo costurando, coisa que começo a curtir agora. Sinto que toda aquela carga de angústia e inquietação que eu tinha está-se indo. Quero muita calma daqui para a frente. [...] A gente viveu, cresceu, aprendeu. Sofreu e riu. Mas saiu vivo.

Tanto os personagens quanto seus autores mostram que a angústia é algo consciente – ainda que indefinido, impreciso – e, que além de afetivo é, também, físico. Algo que se confunde com o próprio sentido de descoberta do mundo, dos desejos e das repressões vividas.

FASE 3: A LETRA ‘M’ DE MACABÉA E MAURÍCIO E OS SENTIDOS DE MORTE

Poderíamos iniciar este último momento de nossa terapia literária questionando se há coincidência entre as iniciais dos nomes dos protagonistas ser “M”, mesma letra que inicia a palavra morte, já que este é um processo pelo qual tanto Macabéa quanto Maurício experimentam – ainda que de formas distintas.

Macabéa encontra na morte física sua epifania de vida: tanto se encontrar como mulher como sentir o prazer de sua própria sexualidade:

[e]ntão — ali deitada — teve uma úmida felicidade suprema, pois ela nascera para o abraço da morte. [...] Iria ela dar adeus a si mesma? Acho que ela não vai morrer porque tem tanta vontade de viver. E havia certa sensualidade no modo como se encolhera. Ou é porque a pré-morte se parece com a intensa ânsia sensual? É que o rosto dela lembrava um esgar de desejo. As coisas são sempre vésperas (LISPECTOR, 1988, p. 84).

Para Freud ([1920]2006b) o objetivo de toda a vida é a morte; com isso a dinâmica do prazer-desprazer dá lugar a uma nova teorização: as pulsões: (1) de vida (Eros), que gera uma energia conhecida por libido, responsável pelos afetos, atitudes de cooperação e de ordem social, e (2) de morte (Thanatos), instintos manifestos após processos traumáticos, ao se reviver a experiência castradora. Ainda que neuroses e psicoses possam levar as pessoas a desejarem – mesmo de maneira inconsciente – morrer, os instintos de vida se sobrepõem como forma de resistência, que pode, ainda, ser redirecionada para outros, em forma de agressão e violência, como acontece com Maurício:

[n]ão sei como me defender dessa ternura que cresce escondido e, de repente salta para fora de mim, querendo atingir todo mundo. [...] Sempre encontro a quem magoar com uma palavra ou um gesto. Mas nunca alguém que eu possa acariciar os cabelos, apertar a mão ou deitar a cabeça no ombro. Sempre o mesmo círculo vicioso: da solidão nasce a ternura, da ternura frustrada, a agressão, e da agressividade torna a surgir a solidão. Todos os dias o ciclo se repete (ABREU, 2014, p. 113).

Ao longo de nossas sessões terapêuticas com os personagens e seus autores, percebemos que as neuroses de Macabéa e Maurício geram prazeres que não podem ser realizados porque geram perigo ou ruptura aos modelos socialmente determinados, sobretudo por seus familiares, desde a infância. E isso ocasiona o desprazer. De maneira irônica, enquanto a epifania de Macabéa se realizar no prazer advindo da morte, Maurício manifesta sintomas de sua neurose em forma de agressividade - uma forma de inibir o desejo latente que lhe fora castrado.

Na coletânea das crônicas de Clarice Lispector (1999), há 124 ocorrências da palavra morte. Em 23 de setembro de 1967, ela afirma que “nunca [se deve] morrer antes de realmente morrer: pois é tão bom prolongar essa promessa” e anos depois, em 29 de janeiro de 1972, *A geleia viva como placenta* nos anuncia uma morte em que somos, ao mesmo tempo espectadores e testemunhas, através de um sonho que, sabemos, é uma das formas de se reviver os recalques e as repressões de infância. Em uma de suas cartas dirigidas Vera Antoun, escrita no

Porto, em 9 de julho de 1944, Caio Fernando Abreu (2002) confessa ter “mil bodes de sexo” e se considera tão “neuroticamente individualista que, quando acontece de alguém [lhe] parecer [...] uma ameaça a essa individualidade, fic[a] imediatamente cheio de espinhos – e cort[a] relacionamentos com a maior frieza” inclusive ferindo e sendo agressivo com a pessoa.

Da mesma forma que para o filósofo alemão Søren Kierkegaard (1993a; 1993b, 2013), a vida só pode ser vivida olhando-se para a frente, mas só pode ser compreendida olhando-se para trás, a psicanálise nos mostrou que todos possuem, na atividade mental inconsciente, um *apparatus* que os capacita a interpretar as reações de gerações passadas: desfazer as deformações que os outros impuseram à expressão de seus próprios sentimentos (FREUD, [1913]2006a). Em alguns momentos, vida e obra se confundem e possibilitam novas interpretações por parte dos leitores. A pergunta que deixamos como processo de autodescoberta nestas sessões de terapia literária é se todos os que dela participaram querem, conseguem ou estão dispostos a se desprender das “certezas” impostas?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler é uma atividade que impulsiona as ideias para um espaço plural e diverso, em que os medos, desejos, opressões e rupturas se entrelaçam, a ponto de não poderem ser categorizados a partir de um único referencial. Assim, os processos identitários desenvolvidos nas obras analisadas se representam na discursividade de suas experiências na fase infanto-juvenil e se prolongam por toda sua existência constituindo-os a Macabéa (de Clarice) e o Maurício (de Caio), personagens (e autores) de obras distintas, de locais distintos de uma mesma época – os anos 1970 –, que passaram pelo divã imaginário que agora lhe propusemos.

Enquanto traçamos um percurso de suas repressões e angústias através do dito, antecipamos o fim de cada uma dessas personagens, a partir do não dito por seus criadores (ou por suas próprias existências). Em Macabéa, a concepção de morte reflete o fim carnal/material, um último suspiro que expressa a grande epifania de sua vida. De maneira distinta, Maurício transcende a esse fim, continuando vivo, mas preso a um processo neurótico, em que não se sente parte do mundo que o envolve, pois falta-lhe o agenciamento existencial necessário para a constituição de sua identidade masculina (e não a que lhe é esperada).

Percebemos, ainda, enquanto representações do que chamamos romance de formação, uma dose de machismo que faz o homem sobreviver em relação à mulher (ainda que com uma vida indigna[?]), o que atualmente tem sido ressignificado nas obras de romance de formação feminina citadas no início deste trabalho.

O presente trabalho insere-se nos estudos linguísticos-literários pensado a partir de uma perspectiva de Linguística Aplicada que, superando a compreensão adquirida a partir dos anos 1960-1970, lança-se como uma área de estudo que pensa não apenas aplicações, mas também teorizações e proposições, na tentativa

de minimizar as deficiências causadas pela separação de duas áreas inseparáveis dos estudos das Letras: a Linguística e a Literatura. E mais, pretende mostrar que os limites destas (e de todas as outras áreas) não é estável ou impenetrável como se pensara outrora; estes limites são porosos, flexíveis e interpenetráveis.

Referências

ABREU, Caio Fernando. **Cartas**. (Org. Ítalo Moricone.). São Paulo: Aeroplano Editora, 2002.

_____. **Limite branco**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1970]2014.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector, esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CAVALCANTE, Bárbara Kesley S. **Identidade e gênero no romance de formação contemporâneo: uma leitura de Niketch – uma história de poligamia**, de Paulina Chiziane. 2019. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) – Curso de Letras, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral/CE.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. **Microfísica do poder**. 23.ed. São Paulo: Graal, 2004.

FREUD, Sigmund. **Inibições, sintomas e ansiedade**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol XX. Rio de Janeiro: Imago, [1926]1976.

_____. **Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos**. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, [1905]1996.

_____. **Análise de uma fobia em um menino de cinco anos: o pequeno Hans**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

____. **La negación.** Obras completas, v. XIX. Buenos Aires: Amorrortu, [1925]2003.

____. **Totem e tabu.** Rio de Janeiro: Imago, [1913]2006a.

____. **Além do princípio do prazer.** Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, vol. II. Rio de Janeiro: Imago, [1920]2006b.

____. **As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica.** Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v. XI. Rio de Janeiro: Imago, [1909]1910.

____. **O homem Moisés e a religião monoteísta.** (Trad. Renato Zwick.). Porto Alegre: LP&M, 2014.

KIEKERGAARD, Søren A. **Migalhas filosóficas.** Petrópolis: Vozes, 1993a.

____. **Post-scriptum conclusivo não científico às migalhas filosóficas.** Milano: Sansoni Editori, 1993b.

____. **O conceito de angústia.** 3. ed. (Trad. João Lopes Alves. Santa Maria de Lamas.). Editoria Vozes, 2013.

LINS JR., José Raymundo F.; LIMA, RilnaM. B. Macabéa, uma mulher insossa: repressão sexual e a construção da identidade feminina. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli.** Crato, v. 6, n. 2, 2017.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

____. **A hora da estrela:** edição com manuscritos e ensaios inéditos. Rio de Janeiro: Rocco, [1977]2017.

LOYOLA, Maria Andréa. (Org.). **A sexualidade nas ciências humanas.** Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1999.

ROHDE, Larissa. **The network of intertextual relations in Naipaul's Half a life and Magic seeds.** 2005. 245 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes, [1979]2000.

SALLES, Walter F.; AMARAL, Deivison R. do. Hermenêutica teológica: caminho para a afirmação da identidade religiosa. **Rev. de Cultura Teológica**, São Paulo, n. 70, p. 51-68, Abr/Jun, 2010. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/15409/11510>>. Acesso: 12 Nov. 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estud. av.**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 46-71, Aug. 1988. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 23 Out. 2019.

_____. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

USSEL, Jos Van. **Repressão sexual**. 1.ed. Rio de Janeiro: Campus Ltda., 1980.

VILLARI, Rafael Andrés. Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 2-7, June 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 12 Nov. 2019.

Para citar este artigo

LINS JÚNIOR, J. R. F. Clarice e caio no divã: Para uma compreensão do sentido da letra 'm' em a hora da estrela e limite branco. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9., n. 2., 2020, p. 19-32.

O Autor

José Raymundo Figueiredo Lins Júnior é professor Assistente no Centro de Filosofia, Letras e Educação da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Doutor em Linguística (UEPB), Mestre em Linguística Aplicada (UECE), Especialista em Planejamento e Gestão em Educação (UNEB) e em Gestão Cultural (UVA). Coordenador de Estágios Supervisionados (Letras/UEVA) e Coordenador de área do PIBID-UEVA Letras/Inglês.